

HERBÁRIO VIRTUAL ZUMBI DOS PALMARES: COMBATENDO A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA OS POVOS TRADICIONAIS DE TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Inaldo do Nascimento Ferreira

Inaldoferreira1@yahoo.com.br

Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco

Eliane Cardoso Manso

Elianecardosomanso56@gmail.com

Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco

RESUMO

Existe uma ligação muito forte dos povos tradicionais de terreiro de candomblé com a natureza. Isso reflete na sua cosmovisão, pois é baseado em elementos naturais, na energia vital que provém da força que emana da natureza. Seus orixás habitam em florestas, rios, mares e até em ervas. Segundo os povos de santo, essas divindades necessitam ser protegidas, pois elas são a própria natureza. Sendo assim, os ensinamentos e o manuseio das ervas sagradas, litúrgicas e medicinais são passados por gerações contribuindo com a etnobotânica. Este artigo apresenta um relato de um projeto pedagógico, desenvolvido com estudantes do Ensino Médio, em uma escola da cidade de Abreu e Lima, na região metropolitana do Recife. A atividade teve como objetivo construir um herbário virtual, como resgarde e garantia do saber ancestral das ervas, bem como estimular a tolerância religiosa.

Palavras-chave: etnobotânica, terreiro, candomblé.

INTRODUÇÃO

Os conhecimentos tradicionais dos povos de terreiro são heranças que são passadas, geralmente, através da oralidade, onde os mais velhos iniciam os mais novos para perpetuar a informação dos antepassados. Cabem aos mais novos reconduzir toda informação passada respeitando e resguardando o legado que lhes foi transmitido. Infelizmente, grande parte desses conhecimentos estão se perdendo, ao longo do tempo, principalmente, pela falta de incentivo e de valorização do saber ancestral.

Um dos preceitos mais importante da religião afro-brasileira está no fato do culto à natureza. É na natureza que vivem suas divindades, sem elas, a religião e os aspectos culturais jamais existiriam.

Para os povos de matriz africana, todos os aspectos naturais são sagrados, como a mata, o rio, o mar, a chuva... Por isso, eles são reconhecidos como protetores da natureza. Nesse sentido, a utilização de plantas, tanto para uso medicinal, litúrgico como espiritual, é um mecanismo de perpetuação de sua sabedoria, o que, também, é uma forma de contribuição para manter a riqueza e a diversidade biológica além de representar um valor antropológico e cultural.



Durante o período de escravidão, na diáspora forçada dos africanos para o Brasil, algumas plantas foram trazidas pelos povos escravizados, nos navios negreiros, enquanto outras plantas foram substituídas, aqui, na nova terra, dentro da cosmologia botânica.

Botelho (2011, p 9), “Afirma que os africanos, no Brasil, que buscavam encontrar as espécies vegetais, para a reconstrução da sua cosmologia e da sustentação de sua identidade, encontraram aqui facilidade para assimilação das plantas fundamentais para os rituais próprios da sua religião”.

De acordo com Barros (1973, p 9), “Para reviver e presentificar a sustentabilidade da vida por meio de conexão direta com a natureza, elemento representativo dos orixás por excelência em terras brasileiras, tais comunidades precisavam fazer uma transposição da floresta africana”.

Apesar do clima semelhante ao do continente africano e das vastas extensões de florestas nativas, a grande maioria das espécies vegetais encontradas eram desconhecidas deles. Por isso, muitos vegetais nativos brasileiros foram incorporados em substituição aos da África. Além disso, várias espécies, transportadas, nos navios negreiros, pelos portugueses foram utilizadas como alimentos como forma de baratear o custo da manutenção dos africanos escravizados durante as viagens. Alimentando-os com as próprias plantas sagradas, transportadas da África, os portugueses demonstravam, também, o desrespeito às crenças dos povos escravizados.

Um dos aspectos que merece destaque, dentro dos povos adeptos do candomblé, é o domínio da botânica. Eles cultivam e coletam as ervas sagradas, medicinais e litúrgicas, nas florestas e nos quintais, contudo, muitas vezes, elas são compradas em mercados tradicionais. As ervas vêm sendo utilizadas, por séculos, até mesmo antes desses povos virem para o Brasil.

Grande parte dos africanos, que foram trazidos para nosso país, forçadamente, vieram da cultura iorubá. Para eles, a taxonomia botânica de cada planta é categorizada por sua simbologia. Tal fato pode ser observado, dentro dos terreiros de candomblé, onde existe um preceito que quase chega a ser um mantra: “Kosi awé, kosi orixá”, ou seja, “Sem folhas, não há Orixás”.

De acordo com Verger (1995, p 56), “Os nomes das plantas iorubás parecem apresentar uma ambivalência quanto à sua origem mágica ou medicinal, assim como os nomes dados aos signos e trabalhos. Perceba-se o nome dado às plantas reforça o efeito delas esperado, sendo possível que seja incluída apenas por esta razão.

De acordo com Verger (1995, p 57), “O sistema iorubá de classificação botânica, por ser diverso do elaborado por Lineu, usa diferentes características para a identificação e classificação das plantas. Na terra iorubá, a nomeação das plantas leva em conta seu cheiro, sua cor, a textura de suas folhas, sua reação ao toque e a sensação provocada por seu contato, entre outras”.

Essa cosmologia botânica representa um dos mais importantes significados da tradição dos terreiros, pois é um elo entre o céu e a terra. Infelizmente, esse legado de grande beleza corre um



grande risco de desaparecer, pois a degradação ambiental, o aquecimento global, a intolerância religiosa, e, sobretudo, o desaparecimento das ervas sagradas põem em cheque todo legado de uma cultura ancestral.

Proteger e conhecer essas plantas tornam-se necessários, tanto pelo patrimônio biológico quanto pelo religioso/cultural, pois elas contam a história de povos que, por longos anos, foram segregados e permaneceram na clandestinidade, negando seus ancestrais. É de extrema importância que futuras gerações possam guardar a história dessas ervas para que, quem sabe, um dia, reconhecer-se dentro dessa fitocsmologia.

Uma das alternativas mais eficazes de preservar o legado botânico dessas culturas ancestrais e a criação dos espaços chamados de herbários. Os herbários são lugares, que guardam coleções botânicas, onde as plantas são preservadas, mantendo as características morfológicas e anatômicas dos vegetais, através da dissecação, da herborização e da catalogação. É nos herbários que a comunidade científica, os estudantes e os colecionadores se debruçam para estudar o material botânico preservado. Esses espaços podem e devem guardar todo o conhecimento botânico das populações tradicionais de terreiro agregando um grande valor na diversidade biológica.

De acordo com Dias *et al.* (2020, p 1), Os herbários possibilitam conservar e catalogar a variabilidade morfológica e genética das populações ao longo do tempo, considerando as características ambientais e geográficas de cada exemplar e, portanto, devem ser bem utilizados e conservados permitindo uma longa duração.

Como ato de resistência, por gerações, o povo negro lutou e continua lutando contra os preconceitos e as discriminações que sofreram e sofrem, tanto pela cor da melanina, que reflete a sua pele, quanto pela segregação religiosa. O Candomblé, por ser uma religião que foge, completamente, dos padrões branco, cristão, heteronormativo e que não é pautada no eurocentrismo, os seus adeptos sofrem com os diversos olhares da exclusão e de injustiça.

Nesse sentido, a escola, como promotora de espaços inclusivos e igualitários, deve provocar reflexões e entendimentos, principalmente, no que diz respeito ao combate do preconceito e da discriminação. Infelizmente, na maioria das escolas, ainda, há segregação e intolerância religiosa. Quando se trata de intolerância religiosa, muitos estudantes sofrem discriminação porque professam uma religião de matriz africana, vista como “satânica”, por não reproduzirem o padrão dentro do colonialismo. Para muitos estudantes, o simples fato de utilizar suas contas no pescoço (guias) ou um turbante afro já é motivo para serem segregados da convivência coletiva. É comum o bullying religioso provocando um dos piores traumas que um estudante pode passar, pois o faz negar suas origens, o que lhe traz um grande suplício. Dessa forma, eles preferem manter-se na clandestinidade do que vivenciar a sua fé.



Para Gualberto (2011, p 20) “A característica mais marcante da intolerância é a perseguição religiosa, que consiste numa constante e permanente desqualificação da religiosidade do outro descambando, muitas vezes, para a ofensa através de palavras ou até mesmo de agressão física”.

Já para Sampaio (2009, p13) “é preciso estimular o respeito e a prática da convivência na diversidade, já que toda religião é, iminentemente, social, pois todas são nascidas no seio de grupos sociais que, embora distintos, têm o intuito de suscitar, refazer ou manter certos estados mentais”.

O grande desafio, para a escola, na atualidade, é construir uma educação pautada na cultura de paz e nos direitos humanos. As ferramentas tecnológicas podem e devem contribuir com pautas que levam a uma reflexão das necessidades de diálogo e de respeito dentro do espaço escolar. Pensando sobre todos os aspectos citados acima, foi realizado o Projeto Herbário Virtual Zumbi dos Palmares: Combatendo a Intolerância Religiosa contra os Povos Tradicionais de Terreiro, com estudantes do Ensino Médio da Escola de Referência de Ensino Médio (EREFEM) Polivalente de Abreu e Lima, no ano de 2021. Naquele período, as aulas de Biologia aconteceram de forma híbrida. As plantas sagradas litúrgicas e medicinais do candomblé foram pesquisadas, catalogadas e relacionadas às simbologias, aos preceitos do candomblé e, por fim, hospedadas no site: herbariovirtual.wordpress.com

O herbário virtual foi criado com intuito de divulgar a cultura ancestral dos terreiros, as suas plantas sagradas, os seus ritos e os seus saberes. Além disso, o Projeto Herbário Virtual Zumbi dos Palmares: Combatendo a Intolerância Religiosa contra os Povos Tradicionais de Terreiro teve o compromisso de promover a tolerância religiosa, a pesquisa científica e o respeito à cultura ancestral dos povos do axé.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apesar de existirem poucos trabalhos sobre herbários de ervas sagradas e litúrgicas, utilizamos alguns deles que tinham um recorte próximo ao tema focado neste artigo. Entre eles, o de SANTOS, L. P. S.; SANTOS, J. M. Orixá, natureza e homem: um só ecossistema – usos de plantas nos terreiros de candomblé e Umbanda no sertão do Brasil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Vol. 1, n. 06, pp. 21-37. 2021. Outro artigo que aborda, também, o tema similar é o de SÁTIRO L. N.; VIEIRA J. H.; ROCHA D. F. Uso Místico, Mágico e Medicinal de Plantas nos Rituais Religiosos de Candomblé no Agreste Alagoano. Revista Ouricuri. v.9, n.º 2, p.045-061. 2019.

Em nosso artigo, o viés científico está atrelado aos saberes tradicionais dos povos afro-brasileiros, conectados a um artefato digital. Nesse sentido, não há nenhum outro herbário virtual que dê visibilidade às plantas litúrgicas, sagradas e medicinais dos povos tradicionais de terreiro.

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM E COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS



A construção do herbário digital Zumbi dos Palmeares objetivou proporcionar aos estudantes a construção de um artefato de divulgação científica permanente que possibilitasse inúmeras linguagens de interpretações e olhares sobre as folhas sagradas, medicinais e litúrgicas dos povos tradicionais de terreiros, trazendo um viés de combate à intolerância religiosa, ao racismo ambiental e à preservação da natureza.

Durante o projeto, os estudantes desenvolveram as seguintes habilidades e competências: Analisaram sobre diversos olhares, os aspectos culturais, religiosos e tradicionais dos povos de terreiro de candomblé; Reconheceram a importância da residência dos povos tradicionais de terreiro nas áreas periféricas e a preservação do meio ambiente; Estimularam a divulgação científica e o combate da “cegueira botânica”; Refletiram sobre o processo de decolinização; Despertaram o senso de pertencimento e territorialidade dos terreiros e da sua cultura.

O método ativo utilizado foi a criação de um site, pois essa ferramenta digital permite um número maior de acessos à informação e maior interação entre os estudantes. Nesse sentido, os estudantes tiveram a possibilidade de incluir, no site, informações adicionais que foram encontradas, estimulando o despertar investigativo, pois o material foi pautado com respaldo científico.

Para chegar ao produto final, o “Herbário virtual” passou por uma longa jornada desenvolvida através das seguintes etapas:

Etapa 01:

Rodas de conversas sobre: a ancestralidade e pertencimento territorial através de histórias contadas por descendentes dos povos de terreiro; e a contribuição dos povos de terreiros na construção histórica, cultural, religiosa e botânica. Após as rodas de conversa, os estudantes debateram sobre o momento e apresentaram suas percepções sobre o tema.

Exibição de vídeos, que exploravam o sentimento de territorialidade periférica, com recorte na resistência do povo negro, inclusive, relacionado à perseguição da sua religiosidade. Como atividades híbridas, os estudantes foram provocados para produzir, por escrito, uma síntese sobre suas experiências, tanto nas rodas de conversa quanto na exibição de vídeos. Esse momento teve como objetivo relacionar o assunto abordado com a prática da escuta do outro.

Recursos utilizados: Cadeiras, dispostas em círculo, e dinâmica de grupo intitulada “vista a minha pele”; projetor multimídia, computador, filmes de curta-metragem.

Etapa 02:

Nessa etapa, os estudantes, dentro da aula de Biologia, tiveram aulas de Botânica e discutiram a sua relação com a humanidade (Etnobotânica). Eles puderam se aprofundar e compreender que os vegetais, além de possuírem inúmeras representatividades, são utilizados, por vários povos, como



veículo de conexão com o sagrado. Esse momento teve como objetivo apresentar aspectos culturais/religiosos da Etnobotânica.

Recursos utilizados: Aulas expositivas sobre Etnobotânica; utilização de retroprojektor.

Etapa 03:

Como uma forma de construção pedagógica, que seria ofertada fora dos muros da escola, os estudantes foram provocados para elaborarem um questionário, em sua casa, para ser aplicado, em um terreiro de candomblé do município. O questionário foi revisado, em sala de aula, até obter um padrão semiestruturado, com perguntas objetivas e subjetivas, com adaptações sugeridas por Albuquerque, *et al.* (2021). O questionário continha informações como: nome da planta, uso medicinal, espiritual e litúrgico, orixá regente da planta, além de perguntas com o objetivo de trazer informações adicionais. Os estudantes visitaram o terreiro Ilê axé Oxum, pertencente a Yalorixá (sacerdotisa), Mãe Zaninha, no município de Abreu e Lima.

O objetivo dessa etapa foi com intenção que os estudantes elaborassem uma pesquisa científica tendo como uma das ferramentas um questionário com perguntas dirigidas.

Recursos utilizados: Questionário semiestruturado.

Etapa 04:

Durante a visita ao terreiro, Mãe Zaninha respondeu o questionário bem como fez algumas reflexões dentre as quais estavam: A perseguição de sua religião ancestral e o desaparecimento das ervas, nos quintais e nas florestas, por causa da especulação imobiliária e do desmatamento. Após a visita ao terreiro, com as repostas da sacerdotisa, os questionários foram trazidos para a escola, compilados e analisados. Na ocasião, os estudantes, também, em equipe, coletaram as plantas citadas pela Yalorixá, em seus quintais; na própria escola (figura 1), bem como nos mercados (Figura 2) e, depois, levados para a escola. Os estudantes foram orientados que pesquisassem algumas peculiaridades sobre as amostras e as apresentassem em forma de seminário. Em outro momento, as plantas foram levadas ao laboratório, separadas por gênero, prensadas (Figura 3) e levadas para desidratação, em estufa à 40° C, durante 03 dias, para montagem das exsicatas - dissecação, herborização e catalogação das plantas (Figura 4). Nessa etapa, os estudantes aprenderam a realizar a pesquisa de campo, como realizar a montagem de exsicatas além de aprofundar os conhecimentos sobre as plantas sagradas, litúrgicas e medicinais dos rituais dos povos de candomblé.

De acordo com Dias *et al.* (2020, pag. 3), “Todo o conjunto que compõe uma exsicata é uma importante fonte de conhecimento para o desenvolvimento de estudos que demandam certa abrangência temporal, como florística, sistemática, taxonomia, fenologia e biogeografia”.

Recursos utilizados: Computador para compilar os dados dos questionários, amostras botânicas, coletadas em quintais, escola e compradas em feiras, madeira, papelão, jornais (prensagem das plantas), estufa, papel 40 kg, linha, agulha.

Etapa 05:

Foram adicionadas, nas exsicatas, informações colhidas, no terreiro, bem como aquelas coletadas em artigos científicos, sobre cada planta catalogada, como o nome vulgar e científico da planta e seu uso medicinal, além da sua função espiritual e litúrgica ligada ao orixá regente (Figura 5). Tanto as plantas *in natura* quanto as exsicatas foram fotografadas com o objetivo de hospedá-las no site do herbário. O foco do trabalho desenvolvido, nessa etapa, foi apresentar como as plantas são catalogadas, cientificamente, e a relação que elas têm nos campos do conhecimento tradicional e do científico.

Recursos utilizados: Dispositivo fotográfico, computadores para busca de artigos em fontes científicas confiáveis.

Etapa 06:

Como etapa final, os estudantes criaram o site (figura 6) que foi alimentado com as informações trazidas por eles. Os alunos se dividiram em grupo e cuidavam da parte visual bem como estrutural. Eles, também, puderam alimentar as informações do site, em casa, durante o revezamento das turmas na escola. Os objetivos dessa etapa foram o preparo dos estudantes para trabalhar a ferramenta midiática, o site, didaticamente, assim como o exercício do Protagonismo Juvenil ao realizarem, eles mesmos, a ação da criação de um artefato científico, também, com um viés Etnobotânico.

Recursos utilizados: computadores, com internet, dispositivos eletrônicos e fotográficos.

Figura 01 – Plantas medicinais, sagradas e litúrgicas



Legenda: Amostras de plantas coletadas na escola. Fonte: autores (2021)

Figura 02 – Plantas medicinais e litúrgicas



Legenda: Amostras de plantas compradas no mercado. Fonte: autores (2021)

Figura 03 – Prensa



Legenda: Processo de dissecação de plantas. Fonte: autores (2021)

Figura 4 - montagem de exsicatas



Legenda: Processo de herborização das amostras. Fonte: autores (2021)

Figura 5 – Exsicatas



Legenda: Exsicata com informações sobre as plantas coletadas. Fonte: Autores (2021)

Figura 6 – Site

HERBÁRIO VIRTUAL ZUMBI DOS PALMARES

COMBATENDO A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA ATRAVÉS DAS PLANTAS SAGRADAS DO
CANDOMBLÊ



Legenda: Imagem do Herbário virtual. Fonte: autores (2021)

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Os Instrumentos para Avaliação Formativa foram: Participação e engajamento dos estudantes, durante o processo; Seminário, em equipe, sobre as plantas coletadas; domínio sobre o conteúdo abordado; capacidade de pesquisa e construção, em grupo, do Herbário Virtual, hospedado em um site.

RESULTADOS OBTIDOS

Depois de todo o processo de execução do projeto, pôde-se observar que os estudantes perceberam a necessidade do respeito mútuo, independentemente de sua cor, sexo, crença ou religião, passaram a fomentar a convivência harmônica, entre eles. Aprenderam a desenvolver



pesquisas baseadas em evidências científicas, com a utilização de certas ferramentas digitais, com fins pedagógicos, como o Scielo, Google acadêmico e outras fontes. Os estudantes se sentiram estimulados a compartilhar informações, em grupo, exercendo o Protagonismo Juvenil. Durante todas as etapas do projeto, ficaram evidentes tanto a promoção da cultura de paz como a tolerância religiosa pautada nos Direitos Humanos. Procurou-se explorar a capacidade do estudante em entender as ideias e aplicar os seus conhecimentos práticos, inclusive, para produzir uma ferramenta digital.

Do ponto de vista das competências socioemocionais, podemos destacar a melhoria na integração, entre os grupos, através da formação de vínculos, fomentando a colaboração em equipes, para as buscas de soluções durante o processo. Com a melhoria das relações interpessoais, houve, também, o aprimoramento do autoconhecimento e, como consequência, a flexibilização no lidar com o modos de outras pessoas, respeitando as diferenças.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

Na etapa 01: Dificuldade na construção de diálogos, tendo em vista que alguns estudantes eram de famílias evangélicas e acreditavam na demonização da religião do candomblé, bem como, a falta de informação dos estudantes sobre a ancestralidade e o pertencimento territorial dos povos tradicionais de terreiro.

Na etapa 02: Mesmo estudando biologia, os estudantes desconheciam a Etnobotânica, por falta de informações, tendo em vista que quase todos os livros didáticos de biologia e de ciências não abordam esse tópico botânico.

Na etapa 03: Dificuldade na elaboração de um questionário semiestruturado e revisado, fato que levou os estudantes a passar um período mais dedicado à pesquisa, pois eles tiveram que rever alguns pontos e interpretar dados estatísticos.

Na etapa 04: Alguns problemas tiveram que ser resolvidos, nessa etapa, desde a autorização dos pais dos estudantes, a maioria evangélicos, até o fato de transportar 17 estudantes a um lugar distante da escola, pela falta de uma verba destinada para tal fim. Uma cota, com professores e amigos, foi feita para levar os estudantes, em uma vã (espécie de furgão), até o terreiro. Por sua falta de informação e por causa da formação evangélica, da maioria dos estudantes, alguns deles tinham medo de “incorporarem” entidades do candomblé. Outro problema, a ser resolvido, foi que não havia verbas destinadas à montagem de exsicatas, por isso alguns materiais tiveram que ser adaptados a partir de materiais reciclados.

Na etapa 05: Foi uma das maiores dificuldades no processo de finalização do projeto, pois alguns estudantes encontraram grande dificuldade em alimentar e atualizar o herbário virtual, pela



falta de internet nas suas casas. Já na escola a falta de uma boa internet foi um ponto a ser superado com alguma dificuldade porque os estudantes precisavam pesquisar artigos científicos, que não estavam à sua disposição na escola. Outro problema veio do fato de os estudantes não ter o hábito de interpretar os informações de artigos científicos e tiveram que ser estimulados do valor deles para sua pesquisa. Outro momento de dificuldade nesta etapa, foi em achar alguns artigos científicos específicos para certas plantas.

Na etapa 06: Os estudantes tiveram dificuldades, inicialmente, de montar uma ferramenta de ampla divulgação, como um site, que tivesse credibilidade e informações, alimentadas, com alguma frequência, com base científica e com viés, também, Etnobotânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica muito evidente a importância dos povos de religiões de matriz africana na construção da identidade do povo brasileiro, sua influência na culinária, na sabedoria popular, na passagem dos saberes pela oralidade, e, sobretudo a contribuição histórica, religiosa e cultural.

Esses saberes tão importante e necessários estão se perdendo ao longo de tempo, pois embora o país sendo laico, existem enormes barreiras que dificultam a livre expressão do povo de terreiro de candomblé manifestar sua cultura, bem como expressar sua fé na coletividade.

As religiões de matrizes africanas sofrem grande preconceito e discriminação pelo fato de não seguir o padrão normativo eurocêntrico. Muitas vezes, informações equivocadas são disseminadas e acabam contribuindo para a segregação religiosa dentro do espaço escolar e fora dele, bem como a deturpação do próprio termo do que é tolerância.

Segundo Cardoso (2003, p. 135) “Dos diversos sentidos que o termo tolerância adquiriu na modernidade, sobressai um ponto comum: a relação de superioridade e inferioridade entre duas culturas e, portanto, a visão evolucionista e de progresso com sentido único. É o que chamamos de predominância da identidade sobre a diversidade. Quanto à desigualdade, esta é considerada natural, circunstancial ou de responsabilidade de quem se encontra numa posição inferior. Não se relaciona a desigualdade social com o processo de dominação do outro”.

Nesse contexto, é preciso que as políticas públicas sejam efetivadas, garantindo que esses povos de terreiro vivenciem sua liberdade religiosa, inclusive, dentro do espaço escolar que deve ser um ambiente plural onde haja respeito às diferenças e as peculiaridades de cada um.

É preciso que a escola repense suas práticas educativas na condução de formação de cidadãos e cidadãs plurais e diversos. Nesse sentido, as experiências coletivas devem ser pautadas na educação de direitos humanos e na cultura de paz, promovendo o senso de justiça e equidade.

O Projeto Herbário Virtual Zumbi dos Palmares: Combatendo a Intolerância Religiosa contra os Povos Tradicionais de Terreiro trouxe aos estudantes e internautas a possibilidade de aliar os



conhecimentos botânicos aos conhecimentos dos terreiros e, assim contribuir para reduzir a discriminação religiosa e cultural desses povos que fazem parte do nosso próprio povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, R. R. N. Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia. Nupeea, Recife, 184 p. 2021.

BOTELHO, P. F. Ewé Awo: O Segredo das Folhas no Candomblé da Bahia. Educação, Gestão e Sociedade. Revista da Faculdade Eça de Queiros, p.2179-9636, 2011.

BARROS, J. F. P. O segredo das folhas, sistema de classificação de vegetais no candomblé Jejê-Nagô do Brasil. Rio de Janeiro. Pallas, UERJ, 164p.1973.

CARDOSO, C. M. Tolerância e seus limites: um olhar latinoamericano sobre diversidade e desigualdade. São Paulo: Editora UNESP. 214p. 2003.

DIAS, K. N. L.; SILVA, A. N. F., GUTERRES, A. V. F., LACERDA, D. M. A.; ALMEIDA Jr., E. B. de. A importância dos Herbários na construção de conhecimentos sobre a diversidade vegetal. Revista Trópica: Ciências Agrárias E Biológicas, v.11, n.1. p. 1-11, 2020.

GUALBERTO, M. A. M. Mapa da Intolerância Religiosa - violação ao direito de culto no Brasil. Revista de Estudos da Religião. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 1-8, 2011.

SAMPAIO, Giselda. Intolerância religiosa nos espaços escolares. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação de Sociologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

VERGER, P. F. Awé. O Uso das Plantas na Sociedade lorubá, Odebrecht, 618p,1995.